

FRIEDRICH NIETZSCHE: O SI-MESMO NA SEÇÃO “DOS DESPREZADORES DO CORPO” DA OBRA ASSIM FALOU ZARATUSTRA

PAULO ROGÉRIO CORRÊA¹;
Dr. LUIS RUBIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – rogeriocorreafil@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas 2 – luisrubira.filosofia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Si-mesmo (*das Selbst*) ocupa uma posição filosófica estratégica na seção “Dos desprezadores do corpo” da obra *Assim falou Zaratustra*. De modo que o objetivo do trabalho é analisar a sua importância para o conjunto da reflexão filosófica presente neste texto.

A seção “Dos desprezadores do corpo” tem, ao menos, dois objetivos imediatos. Primeiro estabelecer a crítica a uma tradição filosófica que inflacionou a consciência e, junto a ela, o “eu” como um *locus* privilegiado para pensar, conhecer e agir. Por segundo, assinalar que o desprezo pelo corpo é justamente o sintoma de um corpo fraco e incapaz. É o Si-mesmo no corpo dos desprezadores que os fazem desprezar.

2. METODOLOGIA

O trabalho é de cunho bibliográfico e se atém na seção “Dos desprezadores do corpo” na obra *Assim falou Zaratustra*. A proposta é de uma análise imanente ao texto visando identificar os movimentos lógicos estabelecidos pelo filósofo, o sentido que o Si-mesmo assume, bem como o debate filosófico em torno da questão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira questão relevante sobre o Si-mesmo diz respeito a semântica do termo “*selbst*” que, via de regra, é utilizado na forma adverbial reflexiva indica um si próprio, em si mesmo. Todavia, na seção “Dos desprezadores do corpo” aparece na forma substantivada, como “o Si-mesmo” (*Das Selbst*). O uso na forma substantivada nos parece ser indicativo de que Nietzsche (através do personagem Zaratustra) quer enfatizar o Si-mesmo como um “poderoso soberano”, um “sábio desconhecido” ligado à dinâmica das forças inconscientes no corpo e, a partir disso, capaz de determinar o

pensar, o sentir e o agir. É preciso, portanto, através desse movimento, “deflacionar” a consciência que foi inadvertidamente alçada a um patamar de privilégio. Vai nesse sentido a constatação de Zarathustra da alma como “uma palavra para algo no corpo” (NIETZSCHE, 2018, p.33. Za/ZA I. “Dos desprezadores do corpo”). Dessa forma, o corpo é entendido como uma “grande razão” (*grosse Vernunft*) e a alma (espírito, consciência, “eu”) como uma pequena razão (*kleine Vernunft*) e instrumento do corpo. Nesse processo Nietzsche, não somente realiza uma inversão do primado da consciência sobre o corpo mas, sustenta que é o Si-mesmo no corpo quem constrói a alma e a consciência. Tomar o corpo como uma grande razão significa concebê-lo como o fenômeno mais rico na qual a multiplicidade das forças fornece direção, sentido e racionalidade. Que Zarathustra fale da racionalidade do corpo denota a reabilitação de um aspecto profundamente vilipendiado por diversas filosofias.

Uma segunda questão relevante é a relação do Si-mesmo com a multiplicidade e a unidade das forças no corpo, pois o sentido do corpo é dado pelo domínio bem estabelecido da força dirigente que mantêm as demais subordinadas ao seu poder. Na dinâmica entre as forças múltiplas o “eu” é a resultante final da “guerra” entre as diferentes forças. Assim, a unidade consubstanciada num “eu” é somente uma aparência de unidade. “‘Eu’, dizes tu, e tens orgulho dessa palavra. A coisa maior, porém, em que não queres crer — é teu corpo e sua grande razão: essa não diz Eu, mas faz Eu” (*Idem; Ibidem*). Contudo, o espírito (consciência/eu) é orgulhoso demais e se convence de que é o fim de todas as coisas quando ele próprio é o resultado. Ou seja, o que chega à consciência não é o ponto de partida, mas o ponto de chegada daquilo que foi definido pelo Si-mesmo.

4. CONCLUSÕES

A primeira conclusão que podemos extrair da seção “Dos desprezadores do corpo” é sobre o Si-mesmo ocupar a posição de um “poderoso soberano” que governa a partir da multiplicidade do corpo e faz com que a alma (espírito/consciência/eu) seja resultante de uma dinâmica que lhe é anterior. É relevante o fato de Nietzsche apontar o Si-mesmo como um “sábio desconhecido” que determina a partir da grande razão do corpo, por conseguinte o espírito pensa a si mesmo como deflagrador de pensamentos, sentimentos e ações quando é “instrumento” de um Si-mesmo “poderoso”, “sábio” e “desconhecido”: “Por trás dos teus pensamentos e sentimentos,

irmão, há um poderoso soberano, um sábio desconhecido – ele se chama Si-mesmo” (NIETZSCHE, 2018, p.33. Za/ZA I. “Dos desprezadores do corpo”).

Por fim, o profeta Zaratustra sentencia aos desprezadores do corpo que o desprezo pelo corpo acontece porque neles o Si-mesmo quer perecer e se afastar da vida. Ou seja, o desprezo é o sintoma de que neles o Si-mesmo é incapaz de criar para além de si mesmo, de forma que criou para si o desprezar e o seu prezar como uma “inconsciente inveja”. Isto é, os desprezadores fazem do desprezo um ato criador de valor, valores que são a construção de refúgios e aléns metafísicos. Dessa forma, o desprezo pelo corpo implica, por consequência, o desprezo pela vida. Vai nessa direção a sentença de Zaratustra: “Não sois, para mim [desprezadores], pontes para o além-do-homem (*Übermensch*)! –” (*Idem; Ibidem.* p.33-34).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**. Um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

_____. *Obras incompletas*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 2000.

_____. **Así hablo Zaratustra**: Un libro para todos y para nadie. Tradução, notas e introdução de Andrés Sáches Pascoal. Madrid: Alianza editorial, 2003.

_____. **Digital e Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe** (eKGWB). (Digital critical edition of the complete works and letters, based on the critical text by G. Colli and M. Montinari, Berlin/New York, de Gruyter 1967, edited by Paolo D'Iorio). In: <http://www.nietzschesource.org>. Acesso: em várias datas de 2023.